



## O IDEÁRIO DA EUGENIA NO PERIÓDICO CORREIO PAULISTANO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3731

Simone Carlos de Souza, UEM

### Resumo

Dissertamos sobre os discursos de eugenia publicados no periódico *Correio Paulistano* (editado de 1864 a 1963), o primeiro impresso diário de São Paulo e o terceiro do país. Os dados fonte de análise provêm do próprio periódico, em versão disponibilizada pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Como indexadores utilizamos as composições “eugenia; raça”, “Renato Kehl” e “Sociedade Eugênica”, no período de 1916 a 1929. Concluímos que o *Correio Paulistano*, periódico porta-voz do Partido Republicano e dirigido a tendências modernistas, teceu em suas páginas uma eugenia capaz de contribuir com a nacionalidade e com o progresso científico e moral da brasilidade, reforçando pesquisas que mostram que o ideário de eugenia não se constituiu isoladamente, mas, ao ser propagado pela imprensa comum, esteve junto as demais alternativas de solução para as mazelas sociais. O médico Renato F. Kehl (1889-1974) figurou de forma cativa nas páginas deste periódico e, identificado como um “ilustre representante da classe média” fez anúncios de sua clínica e publicou artigos da Sociedade Eugênica, registramos nada menos do que 72 ocorrências em seu nome, de 1913 a 1929. A imprensa é órgão de produção coletiva, dirigido a associação de ideias comuns, com o objetivo de legitimar visões de mundo, perspectiva que no *Correio Paulistano* não é diferente. Nele, o discurso da eugenia não é avulso, mas entrelaçado a uma campanha nacionalista do *Correio Paulistano*, com discursos patrióticos e intenções político/morais dirigidas à melhoria da raça brasileira.

### Palavras Chave:

ideário eugenista;  
discurso político;  
imprensa periódica.

## Introdução

Nesta comunicação apresentamos estudos realizados sobre a constituição do ideário da eugenia no periódico impresso *Correio Paulistano*. Nos delimitamos ao período de 1916 a 1929. O marco inicial refere-se à primeira menção do periódico sobre Renato Kehl e o marco foi escolhido por caracterizar um outro momento da atuação de Renato Kehl e da eugenia, que passaria a configurar o rol das reivindicações legislativas (SOUZA, 2008).

Muitos são os estudos sobre o tema que propomos, destacamos Lilian Denise Mai (2003), Maria Lucia Boarini (2003), Nancy Leys Stepan (2005), Vanderlei Sebastião de Souza (2015). Excluindo as especificidades das pesquisas de cada um, há em todos uma mesma evidência: a eugenia como um ideário que se manifestou em prol da melhoria da raça e que contou com o movimento reformista do período para se propagar enquanto proposta de uma elite para eliminar as mazelas sociais. Nosso trabalho, é feito, portanto, com o objetivo de contribuir, ainda que modestamente, com estudos tão solidificados sobre o tema. De antemão, esclarecemos ao leitor que não temos como objetivo fazer análise de discurso, mas utilizar o discurso como referência para o estudo deste período histórico. Temos em vista que o discurso é materialização, em forma de linguagem, das ideologias que fundamentam o processo de significação da realidade social e histórica vivenciada pelos homens que escrevem, por isso, nos permitem identificar como os discursos se relacionam com a realidade material

vigente do período.

Ao optar pela imprensa como recurso bibliográfico, o fazemos por entender que a “voz” da imprensa acessa a cultura cotidiana e que ao transcrever acontecimentos e expressar opiniões de grupos específicos, escolhe o que é dito e o que não vale o registro, de tal forma que seleciona por aproximação ideológica, os discursos a serem distribuídos e expostos à comunidade. Órgão da imprensa burguesa, o *Correio Paulistano* é tipicamente uma empresa capitalista, ou seja, não foi um empreendimento individual, mas o esforço econômico de um grupo para a obtenção de lucros, neste caso, dirigido aos interesses da burguesia (Sodré, 1966). O primeiro periódico diário da capital paulista, identificado com um dos jornais mais afeitos às concepções modernistas<sup>1</sup>, nasceu em 1854 com a missão de ser uma imprensa livre, destinada a publicação da verdade e imparcialidade<sup>2</sup>, desvinculada de partidos<sup>3</sup>, mas no fim do século XIX tornou-se a voz do tradicional Partido Republicano Paulista, passando a envolver-se nos acontecimentos políticos de São Paulo e também do país, promovendo e influenciando a elite paulistana.

Em fins do século XIX, no ano 1865, o antropólogo britânico Frances Galton (1822-1911), publicou dois artigos científicos que mais tarde, se tornariam o fundamento teórico<sup>4</sup> para o que ele chamou de eugenia. A ideia central de sua abordagem era que as características humanas eram hereditárias e, portanto, quando manipuladas e selecionadas poderiam contribuir para o melhoramento da raça. Ao aproximar o conceito de evolução natural, proposto por Charles

<sup>1</sup> O *Correio Paulistano*, foi único jornal a noticiar a Semana de Arte Moderna de 1922.

<sup>2</sup> Foi esta a descrição feita pelo editorial na Edição 1 do ano 1, de 1854.

<sup>3</sup> THALASSA, A. **Correio Paulistano**: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna. Mestrado (Comunicação e Semiótica), Pontifícia

Universidade Católica, 2007, f. 168. São Paulo: PUC, 2007.

<sup>4</sup> SOUZA, V.S.de. **A política biológica como projeto**: a “Eugenia Negativa” e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). Rio de Janeiro, 2015, 200 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – FIOCRUZ, 2015.

Darwin (1809-1882), com a ideia de evolução social, Galton propôs que uma seleção apropriada dos melhores espécimes humanos e a reprodução destes, e o desencorajamento reprodutivo daqueles considerados defeituosos, levaria ao melhoramento da raça humana. Ainda que Galton não tenha sido o precursor da eugenia<sup>5</sup>, foi ele quem a introduziu na racionalidade científica, tornando seus estudos, fundamento científico para os estudos desenvolvidos no Brasil a respeito do tema.

Discutir o tema no ano em que se completam 100 anos da primeira publicação de Renato Kehl sobre eugenia, é continuar pesquisando sobre um movimento que não se esgotou no período que se deu e que ainda se faz presente como ciência, seja no imaginário social, nas práticas de manipulação genética e, especialmente, como material histórico que representa uma classe e valida seus anseios, naturalizando seus princípios e repercutindo em ações no campo social e legislativo. Segundo Stepan, a eugenia é, ao mesmo tempo,

(...) contemporânea e histórica: contemporânea porque os problemas de elaborarem-se políticas sociais com base em novos conhecimentos nos campos da genética humana e da tecnologia reprodutiva são particularmente prementes em nossos dias; histórica no sentido de que a eugenia do período anterior a 1945 pode ser vista como um fenômeno relativamente encerrado no passado, sobre o qual podemos ter algum distanciamento (STEPAN, 2005, pág. 13).

É a eugenia terreno fértil para o entendimento da condição humana. Estuda-la é buscar na história luzes para o nosso presente.

## Objetivos

Objetivamos identificar como se apresentou o ideário da eugenia na imprensa corrente, especificadamente no periódico *Correio Paulistano*, nos anos que vão de 1916 a 1919. Para tanto, empregamos os indexadores “eugenia; raça”, “Renato Kehl” e “Sociedade Eugênica” nos arquivos da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para encontrar os discursos presentes no periódico *Correio Paulistano*; aglutinamos os discursos identificados, a fim de avaliar o corpus discursivo e, por fim, pudemos precisar o ideário eugenista como discurso conciliado a ideologia em voga no período.

## Resultados

O que alcançamos nos permite identificar como se apresentou o ideário da eugenia na imprensa corrente: uma ciência inovadora e progressista, capaz de atender reformas sociais, aprimorar a raça brasileira e contribuir para a inserção do Brasil no cenário internacional.

O primeiro indexador “eugenia; raça”<sup>6</sup>, foi escolhido para identificar como o periódico empregava a palavra que intitulou a ciência capaz de construir princípios para a vida social. Não procuramos por “eugenismo”, entendido como a aplicação da eugenia para fins sociais e patrióticos, por desejarmos identificar como a ciência se encontrava

---

<sup>5</sup> Kehl (1930) em estudo histórico realizado sobre o conceito e a prática de eugenia, coloca o legislador de Esparta, Licurgo (800 a.C. – 730 a.C.), na posição de precursor do ideário. Vivendo em uma sociedade que necessitava de homens fortes e preparados para a guerra, aceitava e praticava-se a eliminação de nascidos defeituosos.

<sup>6</sup> Em virtude das características de pesquisa na plataforma da Hemeroteca Digital da Biblioteca

Nacional, caso utilizássemos o indexador “eugenia”, ele apresentava, em sua maioria matérias com o nome próprio “Eugenia” (6137 ocorrências de 1900 a 1929), o que impossibilitou utilizar o termo específico como indexador, dado a grande quantidade de matérias a serem pesquisadas e o tempo dedicado a esta parte da pesquisa.

popularizada e distribuída na voz corrente. Foram identificadas 13 ocorrências e as palavras indexadoras associavam-se da seguinte forma: eugenia fora empregada enquanto predicado, raça como sujeito, sendo o binômio encontrado em questões corriqueiras e científicas.

Em 09 de abril de 1918, uma reportagem relata o pedido da Câmara do Comércio ao Secretário do Interior, para combater a falsificação de gêneros alimentícios. A justificativa reside no fato de que o produto falso, pode contaminar o consumidor e resultar em prática nociva a eugenia da raça. A eugenia também é empregada em felicitações e comunicações de membros oficiais do governo ou do exército. A eugenia era utilizada como anseios para a formação dos futuros cidadãos. Como quando, em visita ao Acampamento dos Escoteiros Amparenses, o Ministro de Guerra discursou elogioso, de que naquela instituição, representantes dos mais nobres desejos da República, fundavam “as maiores esperanças no tocante a eugenia da raça e à propagação militar da mocidade” (CORREIO PAULISTANO, 09 de abril de 1922, p. 4). Várias eram as problemáticas deste período: escravos recém libertos, corrente imigratória intensa, mas condições de moradia e de vida, revoltas populares, dentre muitos outros que levaram a eugenia ao caráter de reformadora social e fizeram do nome desta ciência, um conceito popularizado. A realidade que popularizou a eugenia, não nasce naquele momento, surge na história.

Para muito além da filantropia, a abolição do sistema escravocrata no Brasil, foi uma pressão internacional<sup>7</sup>. Sem economias, desassistidos pelo Estado, sem inclusão na cultura urbanizada, os mais de 700 mil escravos libertos, amontoando-se

em guetos e cortiços, condição de vida que propiciava o acúmulo e a proliferação de doenças (BOARINI, 2003).

Em meados da década de 80 do século XIX o Brasil instituiu uma política imigratória, que começou com o objetivo de financiar europeus para que se tornassem pequenos proprietários e produtores de terra, a fim de ocupar e movimentar economicamente as regiões do sul do país, mas que terminou com os grandes proprietários de terra, agricultores da exportação, financiando a vinda destes para usá-los na agricultura (ALVIM, 1998, p. 231). De 1819 a 1939, chegaram ao Brasil 4.705.367 imigrantes<sup>8</sup>, segundo o Recenseamento de 1920. Os imigrantes somados aos recém escravos libertos, e ao contingente de sertanejos que foram buscar o progresso nas capitais, fez de São Paulo, um centro de mão-de-obra barata.

A falta de preparo da cidade para receber tamanho contingente de pessoas, resultou em más condições de moradia; os baixos salários recebidos, a pouca ou nenhuma participação política, fizeram dos anos finais da segunda década do século XX, marco de manifestações de um grupo que já se consolidava, a classe operária.

Como colônia, o Brasil foi desde o século XV produtor de matéria-prima das indústrias europeias. A virada de sistema político no Brasil (de Monarquia à República) em 1889, praticamente não provocou mudanças no sistema econômico e na vida social da população geral. O Brasil continuava a depender das economias estrangeiras, sendo grande importador de produtos de primeiro consumo, e exportador de matéria-prima, especialmente de gêneros alimentícios. A Proclamação da República, não passou, de início, de um movimento político em prol

(dentre muitos outros em maior número). No estado de São Paulo, na década de 1920, chegou-se a ter cerca de 2 imigrantes para 1 brasileiro, em sua maioria italianos.

<sup>7</sup> A extinção do tráfico dos negros era condição que a Inglaterra impôs para nos reconhecer como nação independente (Lima, 2000, p. 226).

<sup>8</sup> Em sua maioria italianos, seguidos de portugueses, espanhóis, alemães, japoneses

da adaptação do Brasil às condições capitalistas (SODRÉ, 1967, p. 294).

A permanência no sistema de produção para exportação e o caráter colonial na economia, mantiveram o Brasil na dependência dos mercados e capitais estrangeiros. Sodré (1967, p. 300) afirma que neste contexto, as populações urbanas eram as mais afetadas. Os ordenados e salários eram consumidos pela variação cambial que afetava os bens de consumo primário e beneficiava os exportadores, refletindo em um mecanismo de concentração de renda.

Este cenário contraditório e a mudança das forças produtivas com o levante da industrialização no país, somada uma classe operária revolta devido as péssimas condições de trabalho e aos baixos salários, uma classe rural, alheia ao processo político e submetida a relações de semiescravidão, como pondera Sodré (1967), foram molas propulsoras para um cenário de calamidades. Por outro lado, a classe média reagiu de modo diferente, sendo responsável, ao fazer do positivismo uma bandeira reformista, pelas mudanças que ocorreram no período. E é neste último grupo que germinou a eugenia como proposta reformista. Tal cenário foi promissor para uma ciência que era entendida como o meio para a evolução da espécie humana.

Este cenário não estava alheio ao que afligia a Europa. Seja por depender economicamente da política de comércio exterior ou devido a participação na Primeira Guerra Mundial, o país também sofreu (ainda que não como campo de batalha) as consequências do que Hobsbawn (1995) chama de “Era da Catástrofe”. As primeiras décadas do século XX foram marcadas por *uma crise econômica mundial de profundidade sem precedentes que pôs de joelhos até mesmo as economias capitalistas mais fortes* (HOBSBAWN, 1995, p. 17).

Nas páginas do *Correio Paulistano* a guerra que assolava a Europa, não só trazia prejuízos, mas em se tratando de

melhoria da raça, seria até mesmo uma oportunidade. Abner Mourão, em texto publicado no periódico em 25 de janeiro de 1918, propõe que a degeneração da raça se concentrava em dois grupos: os pobres, cuja realidade era de trabalho excessivo, má alimentação, hábitos disgênicos, e os muito ricos, os quais assegurados pela fortuna, eram preguiçosos e muito alimentados, ocasionando maus hábitos e doenças. Para Mourão, a guerra propiciaria uma primeira limpeza social: de imediato os pobres morreriam, mais tarde os ricos, acostumados a viver às custas dos primeiros, não durariam. A eugenia faria o resto, *melhorando e remodelando a totalidade dos indivíduos em poucos séculos* (CORREIO PAULISTANO, 25 de janeiro de 1918, p.4). Outra forma de associação encontrada entre a eugenia e a guerra é a capacidade que o eugenismo teria de, ao desenvolver mentes patrióticas e corpos saudáveis, formar um povo com *prontidão e disciplina para a guerra, de controle e de ordem, das capacidades e aptidões raciais brasileiras ocupavam a mente das elites* (STEPAN, 2005, pág. 46).

Kehl e os demais médicos comprometidos com o ideário da eugenia, assim como o *Correio Paulistano*, são sujeitos deste período em que as contradições sociais se acentuaram e, foi generalizada a ideia de profundas transformações eram necessárias (COSTA, 2010, p. 408). A eugenia, passa a figurar o discurso de uma classe que, inspirada pelo idealismo, ousou colocar em prática aquilo que na realidade concreta não existia, propagando a ideia de seleção social naturalizada e Kehl, foi o principal idealizador deste discurso.

Com o segundo indexador “Renato Kehl” identificamos 73 ocorrências. As matérias que traziam o seu nome são variadas e demonstram em suma, que o ilustre representante da classe médica (adjetivo atribuído pelo jornal) foi um ativo membro da sociedade paulistana. Anúncios de sua clínica médica, viagens nacionais e internacionais, participação em

espetáculos culturais como cinema e teatro, além de publicidade sobre livros publicados por Kehl. A maior parte da publicidade estava envolta a sua dedicação como propagandista da eugenia. Palestras, reuniões e eventos eram divulgados, cujo nome de Kehl figurava entre os participantes, quando não entre os conferencistas. De 1916 a 1929, Kehl participou de 12 entidades, sendo: presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia, fundador e secretário da Sociedade Eugênica de São Paulo, associado da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, membro da Associação Cristã de Moços, secretário na Associação de Escotismo – Comissão Distrital de Villa Mariana, membro do Serviço de Socorro Ambulante da Cruz Vermelha, associado da Liga Nacionalista, membro da Liga Pró-Saneamento, chefe da propaganda da Profilaxia Rural, correspondente da Academia Nacional de Medicina do Peru, Inspetor Sanitário Rural do Departamento Nacional de Saúde Pública, associado da Sociedade Radio-Educadora Paulista.

Kehl figurou no *Correio Paulistano* como um ilustre filho da pátria interessado em construir heroicamente o futuro das próximas gerações: auxiliaria na transformação de um país degenerado pela miscigenação para um país de raça melhorada e dirigido ao progresso. Para o eugenista, em discurso publicado no ano de 1918, a ciência por ele propagada seria uma verdade e uma necessidade indiscutível, seria ela capaz de *produzir vida racional, e ao mesmo tempo garantir, por meios higiênicos, o desdobraimento e a marcha dessa mesma vida* (CORREIO PAULISTANO, 03 de maio de 1918, p. 2). E foi com a fundação da Sociedade Eugênica de S. Paulo que Renato Kehl fortaleceu o seu discurso e difundiu as iniciativas em prol da eugenia.

O indexador “Sociedade Eugênica” foi escolhido em virtude de nos permitir aproximação do discurso jornalístico com relação a associação que

inaugurou a institucionalização da eugenia no Brasil. Foram identificadas 18 ocorrências sobre o tema.

A propaganda em prol do eugenismo promovida pela Sociedade Eugênica de S. Paulo, não ficou restrita à capital do estado, se interiorizou por meio de palestras que abordavam o tema, sempre o associando ao patriotismo e ao progresso. Realizadas em salões nobres das comunidades, as palestras reuniam as elites intelectuais e classe média da população: famílias consideradas ilustres, representantes do exército, secretários de justiça, secretários de segurança pública, professores, alunos e, principalmente, médicos. A ideia de fazer da eugenia uma das alavancas para a elevação do Brasil ao grupo das nações julgadas desenvolvidas, seria um dos resultados esperado destas iniciativas.

Conforme publicado pelo *Correio Paulistano*, os membros da Sociedade Eugênica reuniam-se com o objetivo de reerguer a nacionalidade, tendo em vista o aprimoramento físico e moral, que resultaria na *constituição de um povo forte (...), sadio, esbelto, sacudido, liberto de sobrecargas hereditárias, e imune das taras malsãs* (CORREIO PAULISTANO, 03 de maio de 1918, p.2). Encarada como uma cruzada, a propaganda da eugenia deveria ser levada como uma nova religião, uma religião da pátria, a qual deveria alcançar toda a população por meio de diferentes iniciativas: formação da Liga Nacionalista, instituição do regime militar obrigatório, fundação das linhas de tiro, difusão dos ideais patrióticos nas escolas, realização de conferências em ajuntamentos e fábricas, levando o ideal de que a higiene de cada um representaria a comunhão para a higiene coletiva. Além disso, na forma da lei, defendiam o exame pré-nupcial, o exame venéreo para prostitutas e a higiene como forma de profilaxia.

No dia 15 de janeiro de 1918, na primeira página do periódico, dia seguinte da “bela iniciativa da classe médica paulista”, foi publicada a sessão de

fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo. Foram transcritos os discursos de inauguração, dentre os quais, o de Renato Kehl, que havia aberto a sessão. Do discurso é possível extrair princípios da agremiação, bem como sintetizar o trabalho realizado por Kehl na propaganda da eugenia ao longo dos anos que a procederam. Ela seria a oportunidade de aplicar o patriotismo em prol da regeneração nacional; seria dirigida ao desenvolvimento de estudos, conselhos e regras para o fortalecimento moral e físico dos brasileiros; ela seria orientada a transformar a mentalidade nacional, por meio da educação para o eugenismo.

Pedra angular do desenvolvimento da sociedade, o ideário do eugenismo é posto pela Sociedade Eugênica, como promotor da modernidade e minimizador das mazelas sociais. Em exercício de lapidar os defeitos da sociedade ou mesmo impedi-los, somando-se a hominicultura<sup>9</sup>, a espécie humana estaria à salvo.

A expectativa do editorial quanto ao funcionamento e a prática da Sociedade Eugênica era de que se tornasse *rapidamente uma cousa séria e útil e não simples club* (CORREIO PAULISTANO, 4 de abril de 1918, p. 4). Como afirma Stepan (2015), a expectativa possivelmente não foi atingida, pois a Sociedade *apesar de sua eminente relação de cientistas médicos (...) jamais realizou qualquer pesquisa* (p. 56), mantendo-se na divulgação da ideia no debate

reformista brasileiro.

Em 15 de janeiro de 1921, Kehl apresentou a Sociedade de Medicina e Cirurgia, ofício que incluía pedido de que tal agremiação incorporasse a Sociedade Eugênica de S. Paulo. Pois, por motivos de força maior (segundo o mesmo relata), não poderia ele continuar com as atividades. A resposta não foi dada no mesmo dia, uma comissão foi constituída para avaliar o pedido, mas a incorporação não aconteceu.

A eugenia no período pesquisado era voz corrente no discurso jornalístico de representação burguesa. Renato Kehl foi um expoente da medicina e certamente um fiel propagandista do movimento. Sua participação em distintas associações, indica um esforço para inclusão das ideias (visto que realizava palestras em todas as associações das quais participava) nos debates entre os membros da burguesia paulistana. A Sociedade Eugênica foi no discurso do *Correio Paulistano*, a institucionalização da ciência que fez cruzada para a reforma da raça nacional. A institucionalização era um meio considerado necessário para que as ideias se tornassem práticas da vida social, resultando em garantia da aplicação e uso dos princípios como reguladores da ordem social, o que seria feito pela voz de autoridade conferida à lei<sup>10</sup>.

<sup>9</sup> Termo utilizado por Renato Kehl no discurso de inauguração da Sociedade Eugênica de S. Paulo, que significa, em associação aos termos utilizados na agricultura, a produção do homem eugênico.

<sup>10</sup> Direção que tomará a propaganda eugênica a partir de 1929, configurando um novo momento da eugenia no Brasil. Como exemplo tem-se a reportagem especial, a edição do *Correio Paulistano* trouxe a público os objetivos da realização do “I Congresso Brasileiro de Eugenia”, no ano de 1929, evento organizado por Renato Kehl e Edgar Roquete-Pinto, em virtude da comemoração do 90º aniversário da Academia Nacional de Medicina. Segundo a redação, o congresso estava dirigido a conglomerar teses que

debatassem os problemas eugênicos da raça e do ambiente e possuía dois principais objetivos: discutir a lei do exame Pré-nupcial e o projeto de lei para criação do delito “contágio mórbido venéreo”. Para apoiar os objetivos do Congresso a redação do periódico evidenciou que a discussão de tais temas no Brasil, não estava isolada de mundo. Na Alemanha, eram leis aprovadas desde 1927, na Dinamarca desde 1895, na Noruega desde 1902, na Suécia desde 1919, Na Suíça desde 1908, Na Áustria desde 1887, na Itália desde 1927. O Congresso pretendia, portanto, dar força e voz para que os projetos de Amaury de Medeiros e de Oscar Fontanelle, se tornassem lei.

## Considerações Finais

Segundo Stepan (2005), a estreita relação da elite paulistana com a imprensa, oportunizou publicações rotineiras para o eugenismo, algo que confirmamos com esta pesquisa.

As publicações indicam ampla propagação da eugenia como luz para os males vivenciados pelos brasileiros do período, em especial um discurso representante da classe média nacional. O apoio da elite médica e aclamação da imprensa periódica pelo tema, levou a mais de 100 publicações<sup>11</sup>.

Para Kehl, um povo se fazia pela qualidade dos homens que dele são parte e, por isso, todos possuíam um valor econômico, calculado como a medida em que o indivíduo é capaz de gerar receita para a sociedade da qual é parte. De um lado o homem sadio ofereceria mais do que recebe, do outro, o inválido representaria déficit econômico (KEHL, 1930, p. 29). Logo, a luta por uma política de eugenismo (seja da eugenia positiva, negativa ou preventiva) não seria apenas a propagação de um ideal, mas representava a necessidade material da sociedade daquele tempo: uma sociedade em colapso econômico e um Estado enfraquecido econômica e politicamente, incapaz (diante da política instaurada) de modificar as condições por eles vivenciada. O liberalismo, marca com negrito as ideias dos eugenistas e coroa a influência e direção recebida pelo mercado externos, especialmente dos Estados Unidos (que no período era o maior investidor de capital no Brasil) no entendimento da sociedade, repercutindo, no movimento eugenista como tentativa de naturalizar as consequências do contraditório sistema capitalista.

Na análise realizada evidenciamos que o corpus do discurso se constitui em rede discursiva na qual o

*Correio Paulistano* está inserido no rol de órgãos promotores do ideário do eugenismo no Brasil. Com panos de fundo patrióticos, o melhoramento de raça como condição *sine qua non* para o progresso, foi movimento dirigido por uma ciência gnosiológica, revestida de ideais positivistas, com pretensões de eliminar os inúteis e atender aos interesses de classe.

Estudar o desenvolvimento humano requer ter em vista, que a história é constituída pela luta de classes e que a dinamicidade das relações sociais e das necessidades concretas de vida, geram discursos, dentre eles, o eugenista. O ideário da eugenia propagado pelo *Correio Paulistano*, é o compêndio da representação de interesses de uma classe específica, intencionada a corrigir a equação econômica que historicamente estava desequilibrada, a classe média paulistana.

## Referências

ALVIM, Zuleika. **Imigrantes**: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOARINI, Maria Lucia. Higienismo, eugenia e a naturalização do social. In: BOARINI, Maria Lucia (org.). **Higiene e raça como projetos**: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Eduem, 2003.

BRAZIL. **Recenseamento do Brasil**: aspecto physico do Brazil – geologia, flora, fauna – Evolução do povo brasileiro – Histórico dos inquéritos demográficos. Vol. 1. Rio de Janeiro: Typ. da Estatística, 1922.

CORREIO PAULISTANO (SP). São Paulo: 1916-1929. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=090972&pesq=>. Acesso em julho de 2017.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**: momentos decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEHL, Renato. **Pedagogia Sexual**: lecciones de

dos indexadores informados no resumo deste trabalho completo.

---

<sup>11</sup> Foram 108 referências identificadas e lidas para esta comunicação. Para encontra-las fizemos uso

eugenesia. Madrid: Javier Morata, 1930.

LIMA, Oliveira. **Formação histórica da nacionalidade brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks; São Paulo: Publifolha, 2000.

MAI, Lilian Denise. Difusão dos ideários higienista e eugenista no Brasil. In: BOARINI, Maria Lucia (org.). **Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: Eduem, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da**

**imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1966.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Editôra Brasiliense, 1967.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. In: **Revista Brasileira de História da Ciência**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 146-166, jul – dez, 2008.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação da América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.